

## A VONTADE DE DEUS

*“Eu fui um menino que não teve infância para brincar. Antes de eu nascer morreu uma minha irmã, cujas causas da morte nunca me foi dado conhecer. Até aos meus 6 anos morreram-me mais dois irmãos, um a seguir ao outro, cada um com cerca de dois anos de vida. Fui ao funeral de um dos dois ‘Anjinhos’. Desses, eu conheci a causa: os meus pais eram tão pobres que não tinham sequer dinheiro para poderem ir ao médico, à sede do concelho. O ‘conforto’ para os pais que na aldeia viam os filhos morrer sem os poder tratar era dado pelo sr. prior: ‘Era essa a Vontade de Deus’.”*

Esta frase, que me foi enviada por uma das muitas pessoas que me escreveram a propósito da publicação de um artigo meu sobre o Serviço Nacional de Saúde e o contexto político actual (PÚBLICO, 9 de Janeiro de 2013), é uma referência existencial que faz lembrar enredos de livros como os *Esteiros* de Soeiro Pereira Gomes. Ele mesmo, como é sabido, conta do que viu e do que viveu. E quer na literatura, neo-realista ou não, quer infelizmente na Vida, em Portugal, há milhares de histórias reais parecidas com esta. Qualquer pessoa que viva em Portugal e tenha um idade próxima da minha (61 anos) ou mais avançada recordará, se não for muito distraída, as condições de miséria em que vivia uma grande parte da população portuguesa, sob o jugo aparentemente benigno – na realidade, sinistro – da Ditadura do ‘Estado Novo’.

É um facto que depois da Revolução de 1974 e do processo algo conturbado de democratização – na realidade extraordinariamente ‘calmo’, em termos relativos – algumas coisas não correram pelo melhor. A sociedade civil em Portugal era anómica ou inexistente. A experiência de participação política era nula para a generalidade dos cidadãos e ainda mais para a generalidade das cidadãs. A Igreja Católica teve em geral um papel decisivo na manutenção do obscurantismo e da submissão, em especial das Mulheres – e daí também o anticlericalismo declarado de muitos Republicanos e de algumas Republicanas. A tradição dos autos da fé, a expulsão dos judeus, a perseguição aos cristãos novos – mesmo se o que Voltaire conta no *Candide* a propósito do Grande Terramoto de Lisboa<sup>1</sup> for imaginado – não foram propriamente

---

<sup>1</sup> A ironia fascinante de Voltaire debruça-se aqui sobre o obscurantismo que também se pode instalar nas Universidades (a Universidade de Coimbra que aqui toma, de alguma forma, o lugar de *prima inter pares*), mas provavelmente o seu verdadeiro alvo é o nosso país. Na verdade, não faltou quem atribuisse ao castigo divino o terrível acontecimento. "Après le tremblement de terre qui avait détruit les trois quarts de Lisbonne, les sages du pays n'avaient pas trouvé un moyen plus efficace pour prévenir une ruine totale que de donner au peuple un bel auto-da-fé; il était décidé par l'université de Coïmbre que le

conducentes à recepção das Luzes ou da Modernidade. Apesar do 'Iluminismo Pombalino' que tão bem contado é por José Augusto França a propósito da reconstrução de Lisboa. Não por acaso, uma das medidas do temido e temível Primeiro-ministro de D. José – enquanto o seu poder, passageiro como todos os poderes, durou... – foi, além de decepar (literalmente, em vários casos) a velha nobreza, expulsar a Companhia de Jesus. Também 'decepar' outra gente incómoda, é claro, como aconteceu no contexto do estabelecimento da Região dos Vinhos do Alto Douro (o dito Vinho do Porto), que controlava – e da revolta que provocou.

Depois de 1974, milhares de Portugueses viram, em escassos dez anos, as suas vidas melhorarem de uma forma que seria pouco previsível. A esperança de vida subiu, a mortalidade infantil e materno-infantil diminuíram drasticamente, a literacia aumentou de forma significativa, o rendimento *per capita* e outros indicadores económicos também. Em outros países, mudanças equivalentes demoraram trinta anos ou mais – como foi acentuado e demonstrado por exemplo, há pouco tempo, nas conferências que celebraram os cinquenta anos do ICS da Universidade de Lisboa, uma dos mais notáveis Centros de Investigação em Ciências Sociais que existem em Portugal.

A integração europeia acelerou as coisas, de formas nem sempre perfeitas, como é natural que aconteça. Houve muito desperdício de fundos comunitários e outros recursos e certamente muitos erros de gestão orçamental. Houve certamente muita cupidez e fraudes múltiplas. A espécie humana é venal e a formação cívica e mesmo política dos Portugueses está a anos-luz da de um país como por exemplo a Suécia (por isso mesmo o modelo sueco, na educação ou noutras coisas, é tão interessante, mas também tão difícil de seguir ou imitar). O arreigado clientelismo, nepotismo e proteccionismo, problemas endémicos na Europa do Sul, continuam a fazer estragos todos os dias, seja na escolha de *boys* – mais raramente de *girls* – ou na gestão da Coisa Pública em geral. Na Administração Pública, nas designações oficiais para as mais variadas coisas e cargos, sobretudo se dadoras de prestígio ou economicamente rentáveis, directa ou indirectamente, nas empresas, nas Universidades, em todo o lado. Quem critica ou se opõe é normalmente tido como irrealista, doido ou pelo menos incómodo.

Da minha própria experiência de vida eu poderia citar exemplos de desperdícios e má organização nos Serviços de Saúde. Esperei trinta anos para ter uma Médica de Família no concelho onde vivo (Sesimbra). Tive muitas vezes a sensação, usando medicina mais privada ou mais pública, de uma total incapacidade de organização e de uma acentuada tendência para o desperdício – que muitas vezes aproveitam a alguém em detrimento de outros, é claro. Nas consultas, nos exames, nos medicamentos.

Parece-me improvável que Deus Nosso Senhor, ocupado, ao que presumo, com tragédias como a da Síria e sítios equivalentes, tenha realmente decidido que em Portugal a mortalidade infantil voltaria a subir, em nome do saneamento financeiro.

---

spectacle de quelques personnes brûlées à petit feu, en grande cérémonie, est un secret infaillible pour empêcher la terre de trembler." Voltaire: *Candide*.

Mas nunca fiando, talvez seja melhor apostar na limitada capacidade humana para evitar que a miséria e o sofrimento *evitáveis* se instalem de novo em Portugal.

*Declaro que este texto é de minha autoria e que sou responsável por qualquer referência ou citação nele incluídas.*

Teresa Pizarro Beleza

[tpb@fd.unl.pt](mailto:tpb@fd.unl.pt)

Fevereiro 2013